



O preço de estar na vitrine do futebol brasileiro: uma análise da Copinha sob a ótica do sacrifício

Laura Martins¹  

Universidade Federal de Pernambuco

Cristina Teixeira²  

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

A presente pesquisa propõe investigar os desafios enfrentados por quatro equipes participantes da Copa São Paulo de Futebol Júnior, decorrentes principalmente da falta de recursos para cobrir despesas básicas. Apoiados no conceito de pesquisa exploratória de Antônio Carlos Gil, buscamos questionar o preço de estar na vitrine do futebol brasileiro, considerando as particularidades financeiras, sociais e logísticas evidenciadas em matérias jornalísticas e em um vídeo publicado na plataforma YouTube. Os resultados das análises apontam para a fragilidade das condições de formação dos jogadores no Brasil por trás do reconhecimento de “país do futebol”.

Palavras-chave

Copa São Paulo de Futebol Júnior. Copinha. Categoria de base. Sacrifício.

1. Graduanda em jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco.

2. Doutora em linguística pelo Unicamp e docente do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

**The price of being in the showcase of
Brazilian football: an analysis of Copinha
from the perspective of sacrifice**

Abstract: This research proposes to investigate the challenges faced by four teams participating in the Copa São Paulo de Futebol Júnior, resulting mainly from the lack of resources to cover basic expenses. Supported by Antônio Carlos Gil's concept of exploratory research, we seek to question the price of being in the showcase of Brazilian football, considering the financial, social and logistical particularities evidenced in journalistic articles and in a video published on the YouTube platform. The results of the analyzes point to the fragility of player training conditions in Brazil behind the recognition as a "country of football".

Keywords: Copa São Paulo de Futebol Júnior. Copinha. Base category. Sacrifice.

**El precio de estar en la vitrina del fútbol
brasileño: un análisis de Copinha desde la
perspectiva del sacrificio**

Resumen: Esta investigación se propone a investigar los desafíos que enfrentan cuatro equipos participantes de la Copa São Paulo de Futebol Júnior, derivados principalmente de la falta de recursos para cubrir gastos básicos. Apoyados en el concepto de investigación exploratoria de Antônio Carlos Gil, buscamos cuestionar el precio de estar en la vitrina del fútbol brasileño, considerando las particularidades financieras, sociales y logísticas evidenciadas en artículos periodísticos y en un video publicado en la plataforma YouTube. Los resultados de los análisis apuntan a la fragilidad de las condiciones de formación de los jugadores en Brasil detrás del reconocimiento como "país del fútbol".

Palabras clave: Copa São Paulo de Futebol Júnior. Copinha. Categoría base. Sacrificio.

Introdução

“Há alguns vilarejos e povoados no Brasil que não têm igreja, mas não existe nenhum sem campo de futebol”. Assim Galeano (2022, p. 135) definiu a relação do brasileiro com o principal esporte do país. De origem inglesa, o futebol se difundiu como ferramenta cultural e social ao redor do Brasil no século passado e alcança lugares inimagináveis, como descrito pelo escritor uruguaio, sobretudo em um país marcado por diversidades regionais e sociais. A difusão do futebol não se deteve somente ao fenômeno esportivo, mas também como um elenco de coesão social e cultural e, com isso, tornou-se um dos principais símbolos de ascensão (DaMatta *et al.*, 1982).

Por isso, esses mesmos locais citados por Eduardo Galeano são o berço para o sonho de muitas crianças que almejam a glória profissional e pessoal através do futebol. Para além do sucesso dentro de campo, DaMatta *et al.* (1982, p. 64) explicam que os jovens sonham com “tudo a que se tem direito, isto é, tornar-se um jogador da primeira divisão, num ‘clube grande’, ter salários elevados, fama e tudo que daí se deriva”. Isso graças à idealização de um sucesso esportivo amplamente difundido pela mídia, que não apenas motiva os jovens a buscarem carreiras no futebol, mas também perpetua a crença de que o esporte é uma via rápida para a mobilidade social, independentemente das adversidades enfrentadas.

É por isso que, frequentemente, os ídolos esportivos são transformados em heróis, conforme conceituado por Helal (2003, p. 19):

A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. A competição é inerente ao próprio espetáculo. [...]. Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do esporte em um terreno fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade.

Os jovens atletas muitas vezes se deparam com barreiras estruturais que desafiam o ideal de meritocracia presente nas narrativas esportivas. Diferente do idealizado, o caminho até o sucesso está longe de ser fácil e, naturalmente, pode não se concretizar. Antes mesmo da profissionalização, os atletas remam contra uma maré de dificuldades que colocam seus sonhos de infância à prova.

Assim como pontua Guimarães (2012, p. 89), a luta pela profissionalização é marcada por sacrifícios em todas as etapas, como treinamentos extenuantes, pressão por resultados e distância da comunidade de origem, e quando “elementos complexos são colocados sobre os ombros de garotos recém-saídos da infância” culmina em certa instabilidade e até em frustrações. Deste modo, o autor explica também os significados de fracasso, parte significativa na produção de jogadores de futebol. As histórias de fracasso, segundo o autor, servem “como uma forma de alertar os garotos das incongruências da vida dentro do futebol. Mas, também como forma de incentivo de que a oportunidade não deve ser abandonada no primeiro revés” (Guimarães, 2012, p. 91).

Nesse contexto, pela falta de conceituação acadêmica de sacrifício específica para a perspectiva do futebol, adotamos a definição através do viés da renúncia e da privação voluntária por motivos práticos³. Ao longo da pesquisa, a ideia de dar tudo de si pelo futebol será desenvolvida ao buscar compreender as diversas formas de compromissos e abdições que os jovens atletas enfrentam em sua trajetória em busca da profissionalização no esporte, como a dedicação intensa em detrimento de outros aspectos da vida pessoal e social.

É a partir desta visão que buscamos compreender os aspectos visualizados na Copa São Paulo de Futebol Júnior, ou somente Copinha, nosso objeto de estudo.

1 Copinha: um retrato histórico

Destinada à categoria sub-20, é um torneio nacional disputado em São Paulo ao longo do mês de janeiro quase que ininterruptamente desde 1969⁴. Inicialmente, foi uma ação da Secretaria de Bem-Estar Social e do Departamento Municipal de Esportes,

3. Disponível em: Sacrifício | Michaelis On-line. Acesso em: 16 set. 2024.

4. Em 1987, a competição, à época organizada pela prefeitura de São Paulo, não aconteceu por decisão do então prefeito Jânio Quadros. Já em 2021, a edição foi suspensa devido à pandemia de Covid-19.

da Prefeitura de São Paulo, em comemoração ao 415º aniversário da cidade, celebrado no dia 25 de janeiro. Naquele ano, quatro clubes paulistanos participaram da competição: Corinthians, Juventus, Nacional e Palmeiras. Só a partir de 1970 se permitiu a participação de clubes do estado de São Paulo e, no ano seguinte, para times de todo o país.

Em 1987, o então prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, decidiu não dar continuidade ao torneio, e a competição não foi disputada naquela temporada. Por isso, em 1988⁵, a Copinha passou a ser organizada pela Federação Paulista de Futebol (FPF) e se popularizou nas duas décadas seguintes, com o objetivo de “incentivar o desenvolvimento e a formação de jovens atletas em âmbito nacional”⁶.

Ao longo de quase seis décadas, consolidou-se como o principal torneio de base do país e comumente recebe o reconhecimento de principal vitrine do futebol brasileiro ao revelar grandes nomes do cenário nacional, a exemplo de Neymar, Rogério Ceni, Cafu, Raí, Vinícius Júnior, entre outros.

Cabe pontuar que o período em que a competição é disputada também influencia no aspecto de audiência. Isso porque, nos primeiros dias de janeiro, as equipes profissionais do futebol brasileiro ainda não iniciaram a temporada. Portanto, a Copinha surge como uma alternativa para o público amante do futebol. Neste ano, quatro plataformas diferentes realizaram a cobertura dos jogos: o Futebol Paulista e Paulistão (canais no YouTube gerenciados pela FPF), a Cazé TV (canal de transmissão, também no YouTube, do streamer Casimiro Miguel) e o SporTV (emissora do Grupo Globo) realizaram a cobertura dos jogos. Nesta última plataforma citada, não existem dados abertos ao público sobre os quesitos de audiência, então, considerando apenas os três canais do YouTube listados, foram 200 transmissões com milhares de visualizações cada um⁷.

Nesse aspecto, associa-se também à ampla cobertura a imagem promovida pela mídia da principal competição do país como uma plataforma para revelar os futuros craques do futebol brasileiro. Na grande maioria das vezes, promovendo comparações com o sucesso de jogadores que brilharam em edições anteriores e alcançaram clubes de renome. É comum, pouco antes do início da competição, os portais esportivos publicarem matérias com nomes de possíveis apostas. Na edição de 2023, por exemplo, o GE publicou uma matéria⁸ com o título “Copinha 2023: saiba tudo sobre a maior com-

5. Disponível em: <https://futebolpaulista.com.br/Noticias/Detalhe.aspx?Noticia=341>. Acesso em: 14 ago. 2024.

6. Disponível em: https://futebolpaulista.com.br/Repositorio/Competicao/Regulamento/1268/1268_638406518913819199.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

7. Playlists com as transmissões dos jogos disponíveis em: Jogos Completos | Copinha 2024 - YouTube. (Paulistão), Jogos Completos | Copinha Sicredi 2024 - YouTube (Futebol Paulista) e Jogos Completos | Copinha 2024 - YouTube (Cazé TV). Acesso em: 17 set. 2024.

8. Disponível em: Copinha 2023: saiba tudo sobre a maior competição de base do Brasil | copa sp de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

petição de base do Brasil” e, no subtítulo, introduz o termo *promessas* para se referir aos atletas que podem ser destaque da competição. É uma forma, também, de instigar o espectador à saga dos novos talentos em campo.

Em um cenário oposto à edição de estreia, são mais de uma centena de equipes participantes a cada edição da Copinha nos últimos anos. Os clubes se classificam através dos campeonatos estaduais sub-20, ao qual cada federação tem uma quantidade pré-estabelecida de vagas. No formato atual, todos os times são divididos em grupos na primeira fase.

Em 2024, recorte temporal adotado na pesquisa, foram 128 times de todos os estados do Brasil divididos em 32 grupos, sediados em cidades diferentes. Os quatro times da chave se enfrentam em turno único com os dois melhores classificados avançando à fase eliminatória⁹. Apesar da classificação sub-20, atletas nascidos entre 2003 e 2008 estavam aptos para atuar na competição nesta edição.

Dada a abrangência de participantes, o cenário visto a cada ano na Copa São Paulo de Futebol Júnior é de heterogeneidade, refletindo tanto as promessas quanto as frustrações inerentes ao esporte. Longe dos holofotes dos principais clubes do país, percebe-se como as equipes de menor porte partilham de dificuldades financeiras e de logística para garantir a presença no torneio, mesmo com o auxílio da FPF nas despesas de hospedagem e alimentação. Por isso, recorrem a medidas alternativas que culminam em exaustão física para os jovens jogadores que, apoiados na esperança de serem vistos e projetados como uma futura promessa do futebol, encaram situações discrepantes com o próprio objetivo da competição.

2 Metodologia

O presente estudo, portanto, tem como principal objetivo investigar os desafios enfrentados por equipes para participarem da Copa São Paulo de Futebol Júnior, bem como apresentar discussões acerca das condições do futebol de base no país. Portanto, a partir da percepção do fenômeno nos últimos meses de 2023, foi realizado, entre janeiro e fevereiro deste ano, um levantamento de matérias jornalísticas no principal portal esportivo do país, o GE, Globo Esporte, que pertence ao Grupo Globo. Assim, foram selecionadas aquelas que descrevem as medidas alternativas para levantar investimentos ou, ainda, durante o percurso. Sobre esses aspectos, destacaram-se as narrativas de três clubes – Carajás, do Pará; Cruzeiro, de Alagoas; e Picos, do Piauí; que foram assuntos em oito matérias. Detalhamos também o caso do Potyguar Seridoense, do Rio Grande

9. Disponível em: https://futebolpaulista.com.br/Repositorio/Competicao/Regulamento/1146/1146_638061115863920915.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

do Norte, que não foi retratado na grande mídia, mas teve as dificuldades relatadas no vídeo no YouTube¹⁰ com o título “Acompanhei a viagem de três dias de ônibus de um time da Copinha”. Por meio da explanação dos quatro casos, buscamos questionar qual o preço de estar na vitrine do futebol brasileiro.

Antes, cabe pontuar que o torneio, apesar da relevância nacional, ainda carece de atenção acadêmica, aspecto que reflete nos obstáculos enfrentados na etapa de revisão bibliográfica para a produção do presente artigo. Os aspectos contraditórios e os desafios enfrentados pela formação de jovens atletas em competições de base, como a Copinha, permanecem subexplorados no que tange ao contexto acadêmico.

A escassez de pesquisas que abordam não somente a Copinha, mas também o contexto geral de futebol de base, pode ser atribuída à predominância de pesquisas sobre aspectos consolidados do futebol profissional. Este aspecto, aliás, influenciou na escolha pela metodologia exploratória de Gil (2008, p. 27) para “[...] proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”, a fim de mapear e compreender as nuances da experiência dos atletas na Copinha, uma realidade ainda pouco discutida.

3 O preço de estar na vitrine do futebol brasileiro

Para o Carajás-PA e para o Cruzeiro-AL, os desafios foram, sobretudo, no transporte, uma vez que a entidade organizadora da competição não oferece suporte nessa questão. A delegação do time paraense enfrentou um percurso exaustivo de 2.100 km (dois mil e cem quilômetros) em 42 (quarenta e duas) horas dentro de um micro-ônibus com o ar-condicionado quebrado até a sede do Grupo 7 (sete), em Araraquara.

A equipe alagoana passou por uma situação semelhante ao percorrer mais de 2.700 km (dois mil e setecentos quilômetros) também num micro-ônibus. Viagem que, mesmo com a condição longe do ideal, só foi possível graças a uma rifa vendida a R\$ 0,10 (dez centavos) pelo clube com uma premiação de R\$ 10 mil (dez mil reais) para o vencedor. Na movimentação nas redes sociais, somente 13% das cotas foram vendidas até a eliminação, o valor arrecadado não foi suficiente para garantir o retorno. Na matéria de título “Cruzeiro-AL, que fez rifa para disputar a Copinha, recebe ajuda de adversário para voltar a Alagoas”, publicada pelo portal GE no dia 11 de janeiro, o diretor de marketing do clube, Alexsander Smith, garantiu que não recebeu auxílio da prefeitura ou do estado. Por isso, o Cruzeiro de Arapiraca dependeu da ajuda financeira¹¹ de um dos adversários do grupo, o Aster, e da prefeitura da cidade-sede, para retornar para Alagoas.

10. Disponível em: ACOMPANHEI A VIAGEM DE 3 DIAS DE ÔNIBUS DE UM TIME DA COPINHA!. Acesso em: 20 fev. 2024.

11. Disponível em: Cruzeiro-AL, que fez rifa para disputar a Copinha, recebe ajuda de adversário para voltar a Alagoas | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024

O Picos-PI, por sua vez, também abriu uma rifa a partir da mobilização do lateral-esquerdo Renê, atualmente no Internacional, clube da Série A do Campeonato Brasileiro. Formado nas categorias de base do clube piauiense, o atleta doou ao clube camisas de ex-companheiros da equipe gaúcha e também do Flamengo. Com cada bilhete a R\$ 20 (vinte reais), o valor arrecadado financiou a viagem de avião até Ibrachina para a disputa do Grupo 5 (cinco).

Como já adiantado, há ainda casos de clubes que não chegam à grande mídia esportiva, como o Potyguar Seridoense. No levantamento dos principais portais, não encontramos vestígios dos desafios atravessados pela equipe na viagem de 63 (sessenta e três) horas do sertão do Rio Grande do Norte até Guarulhos para a primeira Copinha. Fato que destaca a lacuna entre a realidade vivida por esses clubes e a representação midiática predominante. Por isso, as dificuldades, como a falta de bolas para treinos breves e improvisados nas pausas da estrada, foram documentadas em um vídeo publicado no YouTube, no dia 9 de janeiro de 2024, com o título “Acompanhei a viagem de 3 dias de um time de Copinha”. No material, destaca-se para a discussão uma declaração do então presidente do clube, Suied Rusk, em conversa com os atletas.

A gente não mediu esforços para que fosse possível. Nós tivemos um trabalho que é social, achamos que ia ter mais apoio, mas o apoio foi muito pequeno. O esporte transforma vidas e nossa função aqui é essa: dar condições para ajudar não só vocês, como a família de vocês (Cartoloucos, 2024).

Em resumo, os materiais sobre a temática podem ser segmentados em dois aspectos. Primeiro, há aqueles que apenas discorrem sobre os meios alternativos utilizados pela equipe, como a matéria publicada pelo GE no dia 20 de dezembro de 2023 sobre o Cruzeiro-AL com o título “Clube de Alagoas pede ajuda para participar da Copa São Paulo e vende rifa a 10 centavos”; e também a matéria sobre o Picos-PI com o título “Picos realiza rifa para viabilizar viagem para a Copa São Paulo de futebol júnior 2024”¹², do dia 20 de novembro do mesmo ano. Do outro lado, estão materiais mais aprofundados, que buscam aprofundar os dilemas em torno das quatro equipes com questões como o desgaste físico e a influência disso durante a competição. Este segundo segmento é composto pela reportagem publicada no dia 7 de janeiro de 2024, que aborda a viagem de 42 horas do Carajás-PA; uma reportagem com um zagueiro também da equipe paraense, do dia 6 de janeiro¹³; e o vídeo sobre o Potyguar Seridoense. Reforça-se

12. Disponível em: Picos realiza rifa para viabilizar viagem para a Copa São Paulo de futebol júnior 2024. Acesso em: 17 set. 2024. | Disponível em: Rival do São Paulo viaja 42h de ônibus sem ar-condicionado para jogar Copinha: “Valeu a pena” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

13. Disponível em: Zidane da Copinha relembra zoação na escola: “Não vai dar cabeçada nos outros” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

também, com frequência, a definição da Copinha como o maior torneio de base do Brasil e também a chance de mudar de vida através do futebol. Com isso, fica evidente que o “preço” para participar da Copa São Paulo de Futebol Júnior não se resume a valores financeiros (reais), mas também envolve sacrifícios físicos, sociais e emocionais.

4 Estrutura e desigualdade nos clubes

Apresentadas as notícias, percebemos como a mobilização para arrecadar fundos e a busca por alternativas de financiamento refletem uma estratégia de sobrevivência comum entre clubes menores.

Além disso, reforçam um conjunto de dilemas estruturais que afetam o futebol de base no Brasil, ao qual abarcam também as desigualdades históricas na esfera do esporte. Desigualdades essas que, facilmente, ultrapassam o contexto da Copinha e englobam toda uma esfera mercantilizada de espetacularização na formação dos futebolistas, que envolve a seleção, as condições de treinamento e o desenvolvimento esportivo (Pinto; Drigo, 2021, p. 40).

[...] todo esse fascínio que o futebol promove é absorvido pelo mercado. O processo algebras apresentado é resultado de uma apropriação por parte do mercado que tornou espetáculos o que era apenas lazer. O mito da profissão milionária, a ideia da ascensão social facilitada, a procura de um ambiente de democracia racial tudo isso é uma construção do mercado do futebol (Guimarães, 2012, p. 101).

Nesse sentido, compreendemos que os jovens, sob a motivação de realizar o sonho profissional no futebol, se submetem a uma realidade dura, que vai de encontro ao ideal nos aspectos físicos e psicológicos para o desenvolvimento como atleta. O desempenho esportivo está diretamente associado aos aspectos de preparação física e mental e suporte técnico, conforme mencionado por Cavalcanti, Capraro e Cavichioli (2022, p. 8):

[...] embora o futebol de base seja baseado em duas perspectivas – a) preparar atletas para servir ao time principal e; b) agregar valor em futuras negociações – é necessário compreender o indivíduo a partir de sua fase de desenvolvimento, levando em consideração o seu bem-estar e preservando sua juventude.

No entanto, como certificam os mesmos autores (2022, p. 6), “nem todos os clubes têm condições de manter as suas atividades adequadamente, mas tentam como podem com vistas na realização de negócios nesse universo”. Concomitantemente, resulta em aspectos semelhantes aos vivenciados pelos quatro clubes e, também, conflitantes com as necessidades mínimas para a formação de um atleta de futebol de alto rendimento.

Desta forma, o que geralmente encontramos nos gramados do futebol brasileiro é o amadorismo; a falta de estrutura nos clubes prevalece e a maioria dos profissionais não é qualificada, contribuindo para uma influência externa dos veículos de comunicação de massa, os quais nem sempre veiculam ideologias compatíveis com o nível de necessidade dos esportes em evidência. (Guerra, Souza; 2008, p. 32).

À vista disso, é comum que os jovens, antes mesmo da profissionalização, encarem rotinas e vivências, por exemplo a alta concorrência no mercado, de um jogador profissional, sem considerar as implicações advindas para os atletas que nem sequer estão na vida adulta. Nesta edição da Copinha, por exemplo, meninos de 16 anos poderiam ser inscritos para a disputa. As experiências, assim como traz Damo (2007, p. 218), às quais são submetidos cobram uma maturidade de pessoa adulta.

Almeida (2021, p. 7) relembra que é nas categorias de base que os esportistas precisam associar a expectativa por um futuro brilhante através do futebol com uma série de desafios.

É também nesse momento (categorias de base) que, aliado às expectativas, surgem os empecilhos, como afastamento familiar, a evasão escolar, a falta de estrutura dos clubes, o estresse físico e psicológico precoces, a pressão (tanto familiar, quanto da instituição) por resultados, a cobrança interna cada vez maior pela obtenção do sucesso, dentre outros.

Como citado, a dificuldade em conciliar a rotina escolar com as atividades de um jogador em formação, dada a dedicação intensiva ao treinamento e às competições com demandas que exigem uma vida quase exclusiva ao esporte. Sales (2019) aponta que as competições de sede fixa, como a Copa São Paulo de Futebol Júnior, são as que causam um maior impacto em relação à perda de dias letivos.

O cenário se torna mais evidente quando contrastado com a realidade de um gigante nacional como o São Paulo, um dos adversários do Carajás-PA na Copinha neste ano. O clube paulista, que já revelou através da Copinha nomes notáveis como o meio-campista Kaká, o atacante Lucas Moura, o lateral-direito Cafu, o volante Casemiro e o goleiro Rogério Ceni ao longo da história, investiu mais de R\$ 128 milhões na categoria de base nos últimos cinco anos e, em 2023, foi considerada a melhor do país¹⁴. Embora números exatos sobre o investimento do Carajás-PA não estejam disponíveis, a disparidade no investimento e na infraestrutura entre clubes grandes e pequenos é uma realidade bem documentada no futebol brasileiro, que, nesse caso, pode ser percebida pela falta de recursos para custear o transporte até a Copinha.

14. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/flamengo-e-o-time-que-mais-investe-nas-categorias-de-base-no-brasil-sao-paulo-se-destaca-nas-vendas>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Sales (2019) explica o contraste entre os clubes mais ricos do país e times menores e/ou de estados mais periféricos do ponto de vista econômico e futebolístico: “Enquanto os maiores clubes possuem estruturas físicas sofisticadas, capazes de acomodar centenas de jovens em condições dignas, na outra ponta temos alimentação precária e ambientes muitas vezes insalubres e degradantes”.

[...] a falta de organização de alguns clubes implica em problemas que afetam diretamente a formação de jovens esportistas que devido a procura pela profissão são levados ao constante sacrifício, a superação da dor, a vida em método alojamentos e ao descaso com a escolarização em detrimento do esporte de alto rendimento (Cavalcanti, Capraro e Cavichioli; 2022, p. 7).

Esses fatores refletem lógica mercantilista na formação esportiva, na qual a busca por lucro muitas vezes se sobrepõe ao desenvolvimento humano dos jogadores. Em vez de um foco no crescimento integral dos jovens, que incluiria aspectos educacionais, emocionais e sociais, os clubes tendem a priorizar a formação acelerada de jogadores com o objetivo de garantir receitas rápidas e aumentar suas chances de lucrar com transferências futuras. Esse processo acaba por tornar os atletas somente como um ativo financeiro para os clubes.

Dentro desse contexto de diversas recompensas e regulações visando apenas a parte financeira e econômica dos clubes, podemos analisar que a função dos clubes de formar a parte “humana” dos jogadores acaba sendo deixada um pouco de lado e o foco se torna a mais rápida formação do jogador para que o dinheiro possa entrar nos cofres do clube (Almeida, 2021, p. 36).

Conforme enfatizado por Guimarães (2012, p. 102), a paixão pelo futebol é colocada em ênfase quando os futebolistas, na realidade, são envoltos por um processo que os molda em prol do espetáculo e, além de não os preparar para a realidade que ultrapassa o esporte, também os descarta quando não são mais úteis:

Motivados por esta ilusão dos sentidos, muitos candidatos chegam a abandonar seus estudos, deixar seus familiares e suas cidades, e tentam a sorte, acreditando que a realidade que se apresenta nos meios de comunicação é acessível a eles. Entretanto desistem do sonho, pois percebem, muitas vezes após vivenciar situações desumanas, uma realidade na qual não basta apenas o talento, e sim um conjunto de outros fatores que complementam as várias etapas desta busca (Guerra, Souza; 2008, p. 32).

Neste contexto, é relevante observar a perspectiva dos clubes, nos quais enxergam os atletas não apenas como futuros jogadores, mas também como oportunidades para a geração de recursos financeiros por meio de vendas futuras (Almeida, 2021).

Como uma tentativa de padronizar os critérios que devem ser atendidos para garantir a qualidade na formação de atletas, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tem, desde 2012, o Certificado de Clube Formador (CCF), que pode se dizer é uma via de mão dupla para os clubes e a entidade. Dentro de certos critérios, o CCF dá a certificação de formador a determinado clube e, como “benefício”, o clube sai na frente na lista de preferência na assinatura do primeiro contrato profissional de jovens entre 14 e 16 anos que treinam na instituição (Sales, 2019).

Os requisitos para que o clube consiga a certificação como clube formador são dispostos em 5 artigos a serem observados para que a entidade de prática desportiva venha a ser reconhecida como formadora: 1. Apresentar a relação dos técnicos e preparadores físicos; 2. Comprovar participação em competições oficiais; 3. Apresentar programa de treinamento compatível com a faixa etária e atividades escolares detalhando os responsáveis pela elaboração; 4. Proporcionar assistência educacional; 5. Proporcionar assistência médica (Pinto; Drigo, 2021, p. 42).

Sales (2019) explica que a baixa adesão do CCF por parte dos clubes ainda é realidade. Na última lista divulgada pela CBF¹⁵, somente 54 dos 850 clubes profissionais do futebol brasileiro possuem o certificado.

Assim, como acrescentam Pinto e Digo (2021, p. 44), os fatores evidenciam a “fragilidade em relação aos direitos fundamentais das crianças e adolescentes inseridos em ambientes de formação de jogadores de futebol masculino no Brasil”.

[...] podemos notar que a “produção” do jogador nas categorias de base do clube faz parte da lógica e da cultura dos clubes para obtenção de uma notória fonte de renda, de forma que talvez não nos caiba criticar por completo o objetivo dos clubes em obter lucro com a possível venda futura do atleta, e sim, avaliar possíveis estratégias de melhor fiscalização com o intuito de garantir que as condições básicas e mínimas sejam fornecidas para que os menores pratiquem o esporte e mantenham seu foco e atenção que poderiam ser voltados a diferentes objetivos, direcionados para tal atividade sem prejuízo de que suas ambições profissionais e pessoais estejam abandonadas em um caminho sem volta (Almeida, 2021, p. 38).

Em contraposição à desigualdade, a chance de enfrentar um time grande no cenário do futebol brasileiro, como o São Paulo, naturalmente, aumenta a visibilidade midiática de um clube pequeno na Copinha, no qual pode influenciar significativamente a percepção pública e o valor de mercado.

15. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/registro-transferencia/certificado-de-clube-formador>. Acesso em: 17 abr. 2024.

Damo (2007, p. 170) e Pinto (2018, p. 24) explicam como o processo de massificação dos aparelhos televisivos e o posterior aumento das transmissões de eventos esportivos influenciaram no fenômeno espetacularização do futebol em paralelo à profissionalização no século passado.

Além disso, a cobertura da mídia também reflete um viés, conforme evidenciado pela forma como o Carajás é mencionado predominantemente como “rival do São Paulo” em notícias. A denominação é fruto de uma dinâmica midiática simplificar e categorizar clubes menores de certa maneira e, conseqüentemente, limitar o reconhecimento de suas realidades.

Dentro desse contexto, observamos como a oportunidade de jogar na Copa São Paulo de Futebol Júnior é a realização de um sonho para os atletas, de acordo com os materiais em estudo. Guimarães (2012, p. 82) pontua que as dificuldades são sustentadas pela crença de que “tudo é apenas um obstáculo a ser vencido e que no final tudo vai sair como o planejado”. Como é observado na declaração do meio-campista Valdívnia na reportagem publicada pelo GE no dia 7 de janeiro após a eliminação do Carajás na Copinha.¹⁶:

É bem difícil [sobre os fatores da viagem], mas a gente tem que passar por cima das dificuldades. A gente sabe que pra chegar no topo tem que ter sofrimento e sacrifício, passamos a virada de ano longe da família, mas tudo valeu a pena. A gente se emociona porque é um sonho jogar esse campeonato, todo sacrifício que fizemos também colocamos em campo, mas infelizmente não foi da vontade de Deus (Henrique, 2024a).

Companheiro de equipe, o zagueiro Zidanne, por outro lado, até reconheceu as desvantagens atravessadas, como o calor intenso no Pará e a falta de conforto, mas ainda assim enquadrrou os aspectos como “parte do futebol”:

A gente não imaginava que isso iria acontecer. Foi pior na região do Pará, que é uma parte mais quente. Conforme a gente foi descendo o Brasil ficou mais ameno, mas mesmo assim é uma experiência que você fica lá por muito tempo, tem a questão do calor, conforto e ia atrapalhando. Não tinha muito o que fazer e fomos (Henrique, 2024a).

Claro que não é a mesma coisa sair do Pará e ainda ter todos esses fatores contra para jogar dentro da casa deles [de Ferroviária e São Paulo, que têm mais torcedores e já conhecem o gramado] e a torcida ao lado. O futebol é isso, dentro de campo e a gente se prepara mentalmente, mas é uma desvantagem¹⁷ (Henrique, 2024b).

16. Disponível em: Rival do São Paulo viaja 42h de ônibus sem ar-condicionado para jogar Copinha: “Valeu a pena” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

17. Disponível em: Zidanne da Copinha relembra zoação na escola: “Não vai dar cabeçada nos outros” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

Percebe-se, nos discursos de Valdívia e Zidane, como o tom de resignação aparece como uma tentativa involuntária de relativizar as dificuldades – aspecto, diga-se, comum no ambiente futebolístico. Aliás, quantas vezes jogadores de sucesso foram personagens de reportagens para revisitar o passado que se contrapõe ao sucesso alcançado pelo esporte? Damo (2007, p. 189) enfatiza que o futebol acontece dentro de lógicas sociais que norteiam a prática e:

[...] capa, dota, potencializa um sujeito, mas cria uma relação de dependência que beira a subserviência. A imagem que se tem dos futebolistas é atravessada pelo recorte midiático e, nos últimos anos, pela publicidade. Isso corresponde à trajetória e ao estilo de vida de algumas vedetes, mas não reflete a pluralidade das carreiras, nem mesmo indica como sucedem a maioria delas.

Por isso, Damo (2007, p. 170) complementa que não cabe vitimizar, tampouco culpabilizar os atletas pela realidade, já que “eles são parte do processo (de formação e produção de futebolistas) e se movimentam de acordo com as estratégias que estão ao alcance”. As experiências relatadas pela dupla de jogadores e vividas por tantos outros refletem a resiliência necessária para lidar com as dificuldades e as expectativas associadas à competição, nas quais revelam o preço emocional e físico do sonho esportivo. Pelo que defende o autor, os dilemas estruturais encontrados revelam não apenas a luta individual dos atletas, mas também a fragilidade das instituições que sustentam o futebol de base no Brasil.

Assim, Helal (2003, p. 23), no estudo sobre a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro, defende que os atletas, na posição de heróis, têm que preencher requisitos, “tais como ‘perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo para se firmar no posto’”. Os discursos midiáticos reforçam a ideia de que o sucesso no futebol está ao alcance de todos que perseveram, mas na realidade, são poucos os que alcançam tal êxito. Assim, essas respectivas trajetórias alimentam o sonho de jovens que tentam a vida no esporte e acreditam que um dia poderão partilhar do mesmo percurso.

A história de vida de muitos jogadores profissionais bem sucedidos, difundida amplamente pelos meios de comunicação de massa, dá credibilidade ao sonho, na medida em que muitos deles originam-se das classes trabalhadoras urbanas (DaMatta *et al.*, 1962, p. 64).

A Copinha oferece visibilidade e a chance de se destacar em nível nacional, mas o sucesso na competição nem sempre seja garantia de uma carreira promissora no esporte, como já é de conhecimento os inúmeros exemplos de jogadores que não prosperaram no futebol após a disputa¹⁸. Nas últimas 10 edições, por exemplo, destaques

18. Disponível em: Adryan, Lulinha, Sérgio Mota... relembre destaques da Copinha que não vingaram | copa sp de futebol júnior | ge. Acesso em: 26 mar. 2024.

como Gabriel Jesus, do Palmeiras em 2015, e Antony, no São Paulo em 2019, alcançaram a principal liga do mundo – Premier League, da Inglaterra –, enquanto a maioria é formada por atletas de clubes de baixa expressão mundial. Há ainda o caso do meia Lucas Otávio, principal jogador na edição de 2014 pelo Santos, que se aposentou dos gramados precocemente, aos 26 anos, após ter uma carreira em equipes que podem ser consideradas da terceira prateleira do futebol brasileiro.

Entretanto, a realidade é ainda mais dramática ao enquadrar os quase 2000 atletas que competem em uma edição na Copinha. De acordo com dados da Folha de São Paulo¹⁹, dos 1925 atletas que disputaram a edição de 2010, 78% estão longe de ser uma estrela do esporte, dentre os quais 37% sequer atuou profissionalmente e os outros 41% tentam sobreviver do esporte, mas têm valor de mercado abaixo da Série D, a última divisão do Campeonato Brasileiro, no qual a marca é a “sazonalidade, baixos salários e falta de pagamento” (Sales, 2019). De acordo com Almeida (2021, p. 7), o fenômeno é causado, sobretudo, porque o “grande número de crianças que tentam a profissão no Brasil somado ao número desigual de oportunidades acarreta na alta competitividade e alta seletividade para esses jovens”.

Especialmente para a transição entre as categorias de base e o profissional – fase em que os atletas que disputam a Copinha estão inseridos –, Cavalcanti, Capraro e Cavichioli (2022, p. 14) afirmam que o controle das variáveis, como os fatores emocionais, é determinante. Assim, os autores complementam que o cenário competitivo explicitado culmina na seleção daqueles que conseguem equilibrar o desenvolvimento físico, técnico, tático e emocional, e, por isso, cobram aos atletas um processo de amadurecimento precoce.

Considerações finais

Bourdieu (1983), no texto “Como é possível ser esportivo?”, avalia que o que está em jogo no esporte moderno é a energia, a coragem e a vontade. Por outro lado, pontua a desigualdade entre as preocupações das diferentes classes sociais com os lucros que certos esportes proporcionam, no qual a luta é entre o amadorismo e a profissionalização. Assim, afirma que, ao responder a uma lógica social e política, o esporte representa “uma das únicas vias de ascensão social para crianças das classes dominadas”.

Para o contexto brasileiro, Damo (2007, p. 219) vai além ao destacar os mecanismos que estão em jogo na narrativa de jovens atletas que buscam uma carreira no futebol e que foram apresentados ao longo da pesquisa.

19. Disponível em: 78% dos jovens da Copinha deixam esporte ou têm valor de mercado abaixo da Série D. Acesso em: 07 mar. 2024.

Estado, multinacional esportiva, clubes de futebol, meninos, pedagogos, sonhos, desejos de redenção social e econômica, clubismo, cultura popular, agenciadores, mercado de profissão e de profissionais, são alguns dos dispositivos heteróclitos que se encaixam de maneira tal que o Brasil seja internacionalmente reconhecido como um celeiro de craques, abastecendo o mercado voltado à produção de bens simbólicos de vários países do mundo e, particularmente, da Europa ocidental (Damo, 2007, p. 219).

No âmbito futebolístico, conforme apresentamos sobre a análise da Copa São Paulo de Futebol Júnior, os jovens têm seus sonhos colocados à prova diariamente ao lutar contra condições adversas para o desenvolvimento do dom. Por isso, através da Copinha e dos métodos utilizados pelas equipes para participar da competição, revela-se a fragilidade nas configurações na fase que antecede a profissionalização por trás do reconhecimento como país do futebol e revelador de estrelas, dadas as dificuldades enfrentadas por jovens sonhadores. Essa consideração passa, sobretudo, por uma estrutura que preza pela espetacularização do talento e conta com inúmeros atores sociais, como os listados acima por Damo (2007) e endossados por Pinto (2018, p. 12).

O universo das categorias de base do futebol masculino do Brasil, no qual jovens jogadores iniciam sua caminhada no esporte de rendimento, ou o esporte espetáculo, “da mídia”, é um espaço de “sonhos improváveis”. Casos de sacrifício pessoal e familiar relatados pela imprensa dão uma ideia do que uma chance de brilhar nos grandes clubes do Brasil e do exterior significa para aqueles que buscam esse sonho.

É a partir disso que a experiência da Copa São Paulo de Futebol Júnior ilustra uma faceta do futebol brasileiro, marcada por desigualdades e desafios persistentes, frequentemente ocultada pelos holofotes da mídia e abordada de forma esporádica.

O contraste existente nesse círculo é grande: se por um lado atletas de grande referência nacional e internacional levam vidas milionárias e cheias de requintes, a grande maioria não alcança de fato o seu objetivo e vive uma realidade muito discrepante. Muito disso talvez, por falta de conscientização dos familiares, que geralmente possuem uma ideologia permissiva, do próprio Governo e da Sociedade Civil em si, bem como, por diversas omissões por parte das leis que deveriam proteger (Almeida, 2021, p. 8).

Cabe ressaltar que, apesar de a presente pesquisa se deter apenas às narrativas de quatro clubes desta edição e estes apareçam como uma parcela de menos de 10% dos clubes participantes nesta edição, diferentes equipes partilham de realidades semelhan-

tes todos os anos, a exemplo do Fluminense do Piauí por duas temporadas consecutivas²⁰²¹, e do CSP²², da Paraíba, na penúltima edição.

Outra observação entre os casos é que as dificuldades são divididas predominantemente por clubes menores das regiões menos favorecidas no cenário do esporte: norte e nordeste. Na lista dos times analisados que compõem o *corpus* do trabalho estão presentes um nortista e três nordestinos. Análises futuras, por exemplo, poderiam explorar as implicações das desigualdades regionais e econômicas na formação dos jovens atletas e, no contexto da Copa São Paulo de Futebol Júnior, mapear os desempenhos de cada equipe que sofreu com essas dificuldades.

Numa breve análise, além de serem os mais impactados pela distância, são clubes que também sofrem com eliminações precoces. Em busca de reconhecimento e estrelato, jovens entre 16 e 21 anos depositam todos os seus esforços para jogar numa competição que nem mesmo oferece premiação financeira ao vencedor, mas que, devido à cobertura midiática, torna-se um atrativo aos jovens espalhados pelo Brasil. No entanto, ainda que houvesse um retorno, os clubes em questão não seriam os favoritos ao triunfo final. Isso porque todas as equipes analisadas na pesquisa, por exemplo, se despediram da Copinha ainda na primeira fase após somente três jogos, enquanto os grandes clubes do eixo sul e do sudeste se alternam entre os campeões a cada ano. Tanto Carajás-PA, quanto Cruzeiro-AL, Picos-PI e Potyguar Seridoense nem sequer chegaram a conquistar pontos em seus respectivos grupos e terminaram a campanha com saldos de gols negativos. O conjunto desses fatos nos faz rememorar a pergunta que dá origem e nome à pesquisa: qual o preço de estar na vitrine do futebol brasileiro?

Através da análise, percebemos uma combinação de sacrifícios pessoais, familiares e estruturais que os jovens jogadores de clubes menores enfrentam, como a falta de recursos financeiros, as dificuldades logísticas, as eliminações precoces e a ausência de oportunidades reais de ascensão, mesmo em um torneio de alta visibilidade como a Copa São Paulo de Futebol Júnior.

Como conceituado por Gil (2003), a pesquisa de viés exploratório dá suporte para estudos posteriores, o que buscamos executar no presente artigo. Assim, apresentamos como possibilidade de análises com uma abrangência maior de objetos, bem como com intersecções de idade, raça e classe dos atletas que passam por esses sacrifi-

20. Disponível em: De ônibus, Fluminense-PI inicia viagem de 2,5 mil quilômetros para jogar a Copa São Paulo de Futebol Júnior. Acesso em: 14 ago. 2024.

21. Disponível em: Copinha 2023: Fluminense-PI deve repetir logística de viagem deste ano. Acesso em: 14 ago. 2024.

22. Disponível em: CSP embarca para a disputa da Copinha em São Paulo e passará réveillon dentro de ônibus. Acesso em: 14 ago. 2024.

cios na Copinha, tendo como uma possível base de dados os documentos das partidas divulgados pela FPF e o Sistema de Informativo Diário da CBF, método utilizado pela Folha de São Paulo na reportagem já mencionada ao longo do texto.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARTOLOUCOS. Acompanhei a viagem de 3 dias de ônibus de um time da Copinha. **YouTube**, 9 jan 2024. 23min24s. Disponível em: acompanhei a viagem de 3 dias de ônibus de um time da copinha!. Acesso em: 17 set. 2024.

CAVALCANTI, Everton. de Albuquerque; CAPRARO, André Mendes; CAVICHIOLLI, Fernando Renato. “Quero ser jogador de futebol”. Memórias sobre a formação nas categorias de base. **Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 36, p. 1-21, 2022.

DAMATTA, Roberto. Universo do Futebol: **Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão: **uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: LP&M, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: ED Atlas, 2008.

GUERRA, Rafael; SOUZA, M. J. Fatores que influenciam a não formação de jovens talentos no futebol. **Revista Brasileira de Futebol**, p. 30-37, 2008.

GUIMARÃES, Arthur Silveira. Além das quatro linhas: **estudo sobre a trajetória profissional de jovens atletas do futebol**. 2012.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003.

HENRIQUE, Geovanni. Rival do São Paulo viaja 42h de ônibus sem ar-condicionado para jogar Copinha: “Valeu a pena”. **GE**, Araraquara, 7 jan. 2024. Disponível em: Rival do São Paulo viaja 42h de ônibus sem ar-condicionado para jogar Copinha: “Valeu a pena” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

HENRIQUE, Geovanni. Zidanne da Copinha relembra zoação na escola: “Não vai dar cabeçada nos outros”. **GE**, Araraquara, 6 jan. 2024. Disponível em: Zidanne da Copinha relembra zoação na escola: “Não vai dar cabeçada nos outros” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

PINTO, Arthur Sales; DRIGO, Alexandre Janotta. ECA, certificado de clube formador e treinadores do futebol masculino de base no Brasil – conflitos éticos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 35, p. 39-46, 2021.

PINTO, Arthur Sales. Joia ou gente? **Opinião de treinadores brasileiros sobre jogadores de futebol da categoria masculino sub-15**. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

SALES, Arthur. **Relatório: educação e categorias de base**. 2019. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2019/08/01/relatorio-educacao-e-as-categorias-de-base>. Acesso em: 20 fev. 2024.